

6

Do inverso ao verso: poema numa hora dessas sim!!!

*Percorrer com os olhos teu corpo
Descobrir sensibilidades ocultas
Em tuas estranhas fraturas
Ouvir as palavras não ditas
Penetrar seus absconsos desejos
E adivinhar teu sentido, LITERATURA.*

Geysa Silva

A pesquisa realizada teve como objetivo investigar a escolarização do poema em salas de aula do ensino fundamental, o que foi feito através da convivência em quatro salas de aula – duas de quarta série e duas de oitava série - de diferentes escolas da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, no período de 22 de março a 3 de novembro de 2004, no horário das aulas de Língua Portuguesa.

As práticas de oralidade/leitura/escrita desenvolvidas têm como referência a leitura de texto (s) para o desencadeamento de atividades orais e de escrita a serem realizadas pelos alunos. O ensino da gramática sistematizado comparece somente nas oitavas séries.

A linguagem como forma de interação verbal tem seu sentido comprometido, muitas vezes, pela preocupação das professoras de que os alunos aprendam a nomenclatura das tipologias e as formas composicionais dos textos, porém, dentro de parâmetros rígidos, desconsiderando as seqüências textuais e as formas composicionais híbridas (ressalva deve ser feita ao professor da oitava série).

Há a primazia da utilização dos textos dos *mass media*, tanto nas salas de aula que fazem uso do livro didático de Língua Portuguesa, quanto nas outras que não o fazem. Ainda que a quantidade se equipare, o tempo dedicado aos textos não-literários é mais extenso, causando a impressão de uma maior vivência ou interação dos alunos com textos da mídia impressa.

A política educacional do país é referência para o ensino público e privado no que diz respeito à concepção de linguagem como forma de interação verbal (bem ou mal compreendida), às teorias dos tipos textuais e dos gêneros do discurso - adotando-se ou não o livro didático - o que demonstra a influência governamental sobre os rumos da educação escolar.

A Teoria dos Gêneros do Discurso, apropriada pela política educacional do país e traduzida nos documentos oficiais para a educação, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Programa Nacional do Livro Didático, ao privilegiar a utilização, pela escola, de todos os textos que circulam na sociedade – colocando os gêneros literários no mesmo nível de um folheto de

supermercado ou de um *lead* – parece ter trazido como consequência a valorização do poema pelos alunos, por ser ele a voz da exceção, a voz que parece fazer a diferença no emaranhado de gêneros do discurso e tipos textuais.

Também foi possível perceber no mesmo emaranhado as vozes dos alunos muitas vezes conflitando com a transposição didática dos textos feita pelas professoras e pelo professor, revelando que os alunos não são passivos.

Ficou constatado, nas salas de aula investigadas, que os poemas não mais são utilizados para exercícios de gramática ou ortografia, como pseudo-textos de auto-ajuda ou para identificação de estrofes e rimas. A dimensão estética do texto está sendo levada em conta, vinculada à composição lingüística que configura o poema como um trabalho artístico e sua relação com a vida. O poema mediou encontros sociais e culturais, ao possibilitar a manifestação da visão de mundo dos alunos – e até o desgosto por determinados poemas – destacando-se entre os diversos gêneros e representando a *outra voz*, até mesmo quando negado por uma das professoras e trazido para a sala de aula por intermédio de uma jovem aluna.

A diversidade de tipos textuais e gêneros discursivos nas práticas de oralidade/leitura/escrita revelou que as palavras do poeta não são melhores ou piores do que a dos cientistas, dos jornalistas ou dos publicitários. Apenas mostraram que “é a linguagem da expressão - às vezes desconcertante - da extrema diversidade da condição humana” (KONDER, 2005, p. 16), tanto no que diz respeito às vozes dos poetas lidos quanto nos poemas produzidos pelas crianças e pela aluna poeta da oitava série.

Inspirando-nos em Queirós (1997), podemos afirmar que não houve somente grandes avanços tecnológicos no mundo contemporâneo; simultaneamente, em grande medida, vem ampliando o conceito de homem, de existência. Daí a importância que as artes da palavra assumem hoje no currículo escolar, porque possibilitam o conhecimento do mundo e do sentimento do homem diante dele. Somente com acesso à ciência e à informação corremos o risco de cair num cerebralismo monstruoso (KONDER, 2000). Foi o que os alunos demonstraram, ao acolher com prazer o poema. Ficou evidente que a maioria dos alunos aprecia poemas, o que parece se dar pela seleção adequada feita por uma das professoras e pela autora do livro didático e pela diferença que os próprios alunos parecem estabelecer entre a fugacidade que marca o texto jornalístico ou o caráter utilitário de alguns outros gêneros e o poema - que perdura no tempo, que fala do mundo, de gente e da gente, sem prazo de validade. É texto escrito, todavia se mostrou, sobretudo, voz, corpo, performance.

Foi possível perceber que o uso do livro didático não torna, necessariamente, o professor um ser que apenas empresta sua voz a um discurso alheio, genérico, normatizador. É preciso considerar outras relações no uso do texto didático, por exemplo, a formação do professor, sua autonomia diante da instituição na qual está vinculado, sua relação com a literatura e a poesia etc. No plano efetivamente da ação, o professor pode confirmar, contradizer ou reinterpretar as intenções e atividades do livro didático. Demougin (2002, p. 79) pode estar certo quando reconhece que o manual “nos diz mais a partir de tudo o que escapa a ele que por aquilo que ele pretende dominar”, mas a afirmação do autor de que é impossível a contribuição do livro didático para a construção da alteridade e da identidade através da literatura nele oferecida pode ser relativizada. Não é a adoção e o uso ou não do livro didático (ainda que apresente limites) que vai garantir que o poema seja bem sucedido na sala de aula, porém o encaminhamento dado pelo professor.

Se a relação distorcida da escola com o poema parece estar sendo alterada, outra vem se despontando, que é a relação da escola com os textos da mídia impressa, os quais vêm dela recebendo estatuto de autoridade. Não se quer dizer aqui que sua presença deva ser descartada da sala de aula, porque a escola é um lugar apropriado para se trabalhar com textos da mídia, onde é possível refletir sobre a fidelidade aos fatos, como também desocultar seus deslizos e suas arestas, discutir as fontes em que foram buscadas as matérias, o interesse do veículo em tornar público determinado fato, o espaço destinado à matéria, o dinamismo da vida social que representa: o que um político disse num dia é desmentido no outro, por exemplo, (REZENDE, 1996). Contudo, as práticas desenvolvidas nas salas de aula visitadas, com exceção da oitava série da escola/ cooperativa de professores, pouco contribuem para que os alunos percebam a vida em permanente construção, formando-se como leitores que participam da reconstrução dos fatos.

Enfim, a tese aqui apresentada é a de que o poema não é o gênero que mais sofre distorções na escola; não é sempre sua frágil vítima. É possível afirmar que a relação pervertida que predominava pode estar sendo revertida: há uma poetização da escola (principalmente pelas ações dos alunos) quando os poemas comparecem na sala de aula e não uma escolarização do poema.

O estudo revelou que os equívocos da escola estão nas práticas que ela desenvolve com os gêneros da mídia impressa, podendo tornar crianças e jovens vítimas das políticas de representações para as sociedades massificadas, por meio de uma didatização alienante.

Há equívocos quanto à identificação dos gêneros pertencentes ao domínio jornalístico, como notícia, artigo, reportagem, *lead*. Transmite-se aos alunos a falsa crença na objetividade e imparcialidade da linguagem da informação, negando a leitura crítica e plural. A leitura é feita apenas para repetir o que é dito, como se cada fato se encerrasse em si mesmo, raramente discutindo-se as condições em que o texto foi produzido. A abundância na utilização de tais textos parece também comprometer a construção de sentidos para a leitura de textos artísticos pelos alunos

A pesquisa realizada trouxe outras inquietações para posteriores investigações: *Como os textos da mídia impressa têm sido utilizados em outros contextos escolares? De que maneira o campo acadêmico dos mass media vê a utilização pela escola dos textos produzidos em suas áreas?*

Outra fica pulsante: *O que é poema?* Os textos das crianças e da menina da oitava série e a ousadia que tiveram ao apresentá-los, sem nenhum pudor, orgulhosamente, parecem abalar muito do que foi teorizado nos primeiros capítulos deste trabalho... Ouço então Cecília Meireles:

Escreverás meu nome com todas as letras,
com todas as datas,

— e não serei eu.
Repetirás o que me ouviste,
o que leste de mim, e mostrarás meu retrato,

— e nada disso serei eu.
Dirás coisas imaginárias,
invenções sutis, engenhosas teorias,

— e continuarei ausente,
Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos,

— isso serei eu.
Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-nos, eternamente,

— Como me poderão encontrar?
Novos e antigos todos os dias,
transparentes e opacos, segundo o giro da luz,
nós mesmos nos procuramos.
E por entre as circunstâncias fluímos,
leves e livres como a cascata pelas pedras.

— Que mortal nos poderia prender?
(MEIRELES, Cecília. *Poemas II*, p.1118-9).